

A NATUREZA DOS EXAMES

Joana Meirim

O verso «A Natureza é partes sem um todo», de Alberto Caeiro, não é contemplado nos cenários de resposta da seguinte pergunta do Exame Nacional de Português do 12º ano (1ª fase): «Explique, fazendo apelo à sua experiência de leitura, o modo como a Natureza está representada em Alberto Caeiro, fundamentando a sua resposta em dois aspetos relevantes da poesia deste heterónimo de Fernando Pessoa». À pergunta sobre o modo como a Natureza é representada na poesia de Caeiro, espera-se que os alunos escrevam as partes que aprenderam sobre a poesia deste heterónimo. Assim, dar conta do conhecimento da poesia de Caeiro é dizer um conjunto de ideias determinadas pelo Programa da disciplina e articulá-las com versos expectáveis para cada uma delas: o poeta deambula na Natureza («Tenho o costume de andar pelas estradas /Olhando para a direita e para a esquerda, /E de vez em quando olhando para trás...»), não pensa e só usa os sentidos para apreender a realidade das coisas («Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...») e está em plena comunhão com a Natureza («Não sei o que é a Natureza: canto-a.»). Apesar de se notar que, no último verso citado, Caeiro assume não saber o que é a Natureza, o Programa da disciplina e o Gave assumem que há uma comunhão plena com ela. Este gesto é semelhante a assumir que os alunos devem saber determinadas coisas, no-

meadamente a ideia de que a poesia de Caeiro tem um tema incontornável, a Natureza.

Ora, um verso como o primeiro que citei nega a ideia de a Natureza ser um todo, defendendo que a uniformização não é a verdadeira realidade das coisas. Um verso destes não é tido nem achado nos cenários de resposta, provavelmente por ser avesso à própria natureza dos exames: a exigência do que é suposto, ou seja, o todo, o padrão, obliterando aquilo que é a individualidade do pensamento dos alunos. A natureza dos exames nacionais do 12º ano é, pois, um todo padronizado que visa uniformizar, em nome da igualdade de circunstâncias, as hipóteses de os alunos entrarem numa universidade. Esta, por sua vez, recebe-os apenas em função de números, de médias, que reflectem o rigor e a exigência de um Ministério e de um Gabinete, instituições que avaliam um todo homogéneo a que chamam a educação em Portugal.

Tal como a Natureza de Caeiro, a realidade da educação em Portugal não se apreende pelo todo dos resultados dos exames, que são sempre piores do que se estava à espera. Os exames não servem, infelizmente, para fazer diagnóstico da situação do ensino e da aprendizagem, que é necessário, de tempos a tempos, como as análises ao sangue que nós fazemos a pedido do clínico geral. Não é pelos exames que entendemos os motivos do insucesso escolar, a desmotivação

dos alunos em sala de aula ou o cansaço dos professores pela pouca autonomia que lhes dão.

O exame pelo exame serve para justificar a existência de um Ministério e de um Gabinete, serve para legitimar a existência de relatórios, que fazem a análise da situação actual do ensi-

no e da aprendizagem, e recomendam, do alto das instituições cá para baixo, o que as escolas, os professores e os alunos devem fazer para a educação em Portugal ser melhor e não se ficar como Caeiro, que «não teve profissão nem educação quase alguma».